

HALLDÓR LAXNESS
OS PEIXES
TAMBÉM SABEM CANTAR

HALLDÓR LAXNESS
OS PEIXES
TAMBÉM SABEM CANTAR

Tradução
Mário Cruz
João Cruz



cavalo de ferro

Título original: Brekkukotsannál

© Halldór Laxness, 1957

publicado com o acordo de Licht & Burr literary agency

© Cavalo de Ferro Editores, 2010

para a publicação em território português

Revisão: Marta Duarte

Paginação: Finepaper

1.^a edição, Setembro de 2010

ISBN: 978-989-623-122-4

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

UMA ESTRANHA CRIATURA

Um sábio disse uma vez que, para além de perder a mãe, não há nada mais saudável para uma criança do que perder o pai. Embora, com toda a franqueza, eu jamais pudesse subscrever semelhante afirmação, seria a última pessoa a rejeitá-la liminarmente. Naquilo que me diz respeito, se enunciasse uma doutrina do género, esta não denotaria qualquer vestígio de amargura em relação ao mundo, ou, melhor dito, não traria consigo a mágoa que implica o mero som destas palavras.

Mas, seja o que for que alguém possa pensar acerca do mérito desta observação, o que aconteceu comigo foi que tive de orientar-me sem a presença de qualquer um dos meus progenitores. Não direi propriamente que essa foi a minha sorte: isso seria forçar a nota demasiadamente; mas, de facto, também não posso dizer que tivesse sido um infortúnio, pelo menos no que a mim me disse respeito, isto porque ganhei um avô e uma avó no seu lugar. O que se aproximaria mais da verdade seria dizer que o infortúnio foi todo do meu pai e da minha mãe: não porque tivesse sido um filho modelar para eles, muito longe disso, mas porque os pais necessitam mais de filhos do que os filhos de pais. Mas essa é outra questão.

De qualquer modo, para abreviar a história, digo-vos que a sul do adro da igreja na nossa futura capital Reykjavík,

precisamente no sítio onde a descida começa a atenuar-se, na ponta sul do lago, no local exacto onde Guðmundur Gúðmúnsen (o filho do velho Jón Guðmundsson, proprietário da loja Gúðmúnsen) construiu para si mais tarde uma casa apalaçada, existiu em tempos nesse pedaço de terreno uma pequena casa de pedra e colmo com duas empenas de madeira, virada para leste na direcção do lago; e esse pequeno lugar chamava-se Brekkukot.

Era aí que vivia o meu já falecido avô, Björn de Brekkukot, que por vezes ia à pesca de peixes-lapa na Primavera. Com ele vivia a mulher que me foi, de entre todas, a mais chegada, embora não soubesse nada acerca dela: a minha avó. A pequena casa de colmo era uma morada franca, de uma hospitalidade aberta e permanente para toda e qualquer pessoa que necessitasse de abrigo. Na altura em que vim ao mundo, a casa estava cheia de gente que hoje em dia poderia ser denominada refugiada: pessoas que fogem do seu país, pessoas que abandonam as residências nativas, os respectivos lares, lavadas em lágrimas, porque as condições na sua terra são tão desesperadas que os filhos não conseguem sobreviver à infância.

Até que um dia, segundo me contaram, apareceu lá no sítio uma rapariga vinda de algures a oeste, ou a norte, ou até talvez mesmo a leste. Era uma mulher que ia a caminho da América, abandonada e desamparada, fugindo daqueles que governavam a Islândia. Ouvi dizer que a passagem dela tinha sido paga pelos Mórmones, e sei com conhecimento de causa que de facto se encontram entre eles algumas das pessoas mais excelentes da América. De qualquer maneira, e sem mais delongas, essa mulher que mencionei deu à luz um bebé enquanto estava alojada em Brekkukot, à espera do navio. Quando lhe retiraram a criança, ela olhou para o filho recém-nascido e declarou:

— Este rapaz deverá chamar-se Álfur.

— Eu estaria mais inclinada a chamar-lhe Grímur — sugeriu a minha avó.

— Então chamar-lhe-emos Álfgrímur — disse a minha mãe.

Consequentemente, a única coisa que aquela mulher me deu alguma vez, para além do corpo e da alma, foi este nome: Álfgrímur. Como acontecia a todos os filhos de pai incógnito na Islândia, puseram-me o apelido Hansson: literalmente, «o Seu filho». E foi assim que ela me deixou, nu como estava, apenas com esse nome curioso, nos braços de Björn, o pescador já falecido de Brekkukot, e seguiu caminho; e assim ficou fora desta história.

Começo agora este livro com o velho relógio que costumava encontrar-se na sala de estar de Brekkukot, a marcar a passagem do tempo com o seu tiquetaque. O relógio continha um sino de prata, cujo timbre, de uma pureza cristalina, ao ressoar quando dava as horas, podia ser ouvido não só em toda Brekkukot, mas também mais longe, no adro da igreja, inclusivamente. No adro existia outro sino, um sino de cobre, cuja tonalidade profunda ecoava até à nossa pequena casa. Assim, quando o vento estava de feição, podiam ouvir-se dois sinos a tocar em harmonia na nossa pequena casa de colmo, o de prata e o de cobre. O nosso relógio tinha o mostrador decorado e no meio da ornamentação podia ler-se a legenda de que tinha sido feito pelo Sr. James Cowan de Edimburgo, em 1750. Não havia qualquer dúvida de que tinha sido construído para estar noutra casa que não a de Brekkukot, uma vez que o pedestal tivera de ser removido, para que pudesse encaixar sob o nosso tecto. O tiquetaque do relógio soava de maneira vagarosa e majestosa, e não tardei a ficar com a noção

de que não valia a pena levar qualquer outro relógio a sério. Os relógios de bolso dos demais pareciam crianças tontas, quando comparados com aquele nosso relógio. Os segundos nos relógios dos outros pareciam insectos esbaforidos a correr, mas naquela máquina de medir o tempo de Brekkukot os segundos eram como vacas, movimentando-se tão lentamente quanto possível, sem nunca chegarem a parar completamente.

Nem é preciso dizer que quando se passava alguma coisa na sala, não se ouvia nada do relógio, nada mais do que se ouviria se este não existisse; mas quando estava tudo sossegado, depois de as visitas partirem, de a mesa ter sido levantada e a porta trancada, recomeçava, com a mesma firmeza de sempre; quem o ouvisse com cuidado suficiente poderia distinguir por vezes o cantar de uma nota proveniente do mecanismo, ou algo muito semelhante a um eco.

Pergunto-me como é que me veio à ideia que dentro daquele relógio vivia uma estranha criatura que era a eternidade. De alguma maneira ocorreu-me um dia que a palavra que o tiquetaque articulava tinha cinco sílabas, com ênfase alternada na segunda e quarta, ligando a primeira e a última numa só, e assim era a e-TER-ni-DA-de-TER-ni-DA-de... Será que conhecia a palavra nessa altura? Sem dúvida que foi estranho descobrir a eternidade desta maneira, muito antes de saber o que era a eternidade, e antes de aprender a proposição de que todos os homens são mortais, enquanto eu próprio estava, na verdade, a viver na eternidade. Foi como se um peixe tivesse descoberto de repente a água na qual nadava. Um dia referi isso ao meu avô, quando calhou estarmos sozinhos na sala de estar.

— Tu percebes o relógio, avô? — perguntei.

— Nós, aqui em Brekkukot, sabemos muito pouco acerca deste relógio — respondeu ele. — Sabemos apenas que nos diz os dias e as horas até ao pormenor dos segundos. Mas o tio-avô da tua avó, a quem este relógio pertenceu durante sessenta e cinco anos, contou-me que o proprietário anterior lhe dissera que antigamente também indicava as fases da lua, isto antes de um relojoeiro lhe ter posto as mãos em cima. Os antepassados da família da tua avó, que viveram em tempos mais recuados, costumavam afirmar que o relógio conseguia predizer casamentos e mortes; mas eu não dou demasiada importância a isso, rapaz.

Então eu indaguei:

— Porque é que o relógio está sempre a dizer: e-TER-ni-DA-de-TER-ni-DA-de-TER-ni-DA-de?

— Deves estar a ouvir coisas, meu filho — respondeu o meu avô.

— Então a eternidade não existe? — perguntei.

— Não de maneira diferente daquela que ouviste nas preces nocturnas da tua avó e no Livro dos Sermões que eu leio em voz alta aos domingos, meu rapaz — retorquiu.

— Avô — proferi. — A eternidade é um ser vivo?

— Tenta não dizer disparates, meu rapaz — declarou o meu avô.

— Escuta, avô, existirão mais relógios para além do teu que mereçam ser levados a sério?

— Não — respondeu o meu avô. — O nosso relógio está certo. E isto deve-se ao facto de eu há muito ter deixado de autorizar os relojoeiros a mexerem nele. Na realidade, nunca me cruzei com nenhum relojoeiro que compreendesse este relógio. Quando não consigo repará-lo eu próprio, recorro a algum faz-tudo para que lhe dê uma vista de olhos; sempre achei os faz-tudo melhores.

BOM TEMPO

Quando não me encontrava na sala de estar a ouvir a estranha criatura que estava dentro do relógio, vinha muitas vezes para o exterior brincar no quintal. Os tufo de vegetação que cresciam entre as lajes do caminho davam-me pela cintura, mas as labças e as tanásias eram da mesma altura que eu e as angélicas ainda maiores. Os dentes-de-leão do nosso jardim eram maiores do que em qualquer outro lado. Tínhamos algumas galinhas, cujos ovos sabiam a peixe. As galinhas começavam a cacarejar logo de manhã cedo, enquanto debicavam comida em redor da casa; era um som confortável e eu nunca demorava muito a adormecer outra vez. Às vezes, por volta do meio-dia desatavam a cacarejar novamente, enquanto andavam todas emperdigadas, entretidas nas suas correrias, e eu lá acabava por dormir, embalado pelo som melancólico das aves e pelo perfume das tanásias. Mas também não me posso esquecer de agradecer à mosca varejeira pela sua quota-parte nesse meu transe estival; esta era tão azul que a luz do sol a fazia reluzir em tons de verde, e a nota alegre da vida terrena vibrava incessantemente na sua corda bem afinada.

Mas, quer estivesse a brincar no quintal, no pavimento exterior, ou ao longo do caminho, o meu avô estava sempre à mão, algures, silencioso e onisciente. Havia sempre alguma porta escancarada, ou entreaberta, a da nossa pequena casa, ou a do abrigo de pesca, ou a da cabana das redes, ou a da vacaria, e ele encontrava-se no interior, entretido a passar o tempo. Por vezes ficava a desenlear uma rede no pontão; ou então ficava apenas a consertar alguma coisa. Nunca tinha as mãos ociosas, mas também

nunca parecia estar a trabalhar verdadeiramente. Nunca deu mostras de que sabia que o neto estava nas proximidades, e eu também nunca lhe liguei muito, no entanto estava sempre involuntariamente consciente da sua presença num segundo plano. Ouvia-o a assoar-se, fazendo grandes pausas entre cada assoadela, e depois a inspirar mais uma pitada de rapé. A sua presença constante e silenciosa fazia sentir-se em cada fenda e recanto de Brekkukot: era como estar confortavelmente ancorado, podendo a nossa alma encontrar nele a segurança que procurasse. Ainda tenho a sensação, de tempos a tempos, mesmo hoje em dia, de que uma porta está entreaberta algures a meu lado, atrás de mim, ou até mesmo diante de mim, e que o meu avô se encontra lá dentro, entretido a passar o tempo. Por isso acho perfeitamente apropriado, uma vez que vou falar acerca do meu mundo, contar primeiro algo acerca do meu avô.

O falecido Björn de Brekkukot foi nado e criado nestas bandas do mundo; o pai dele tinha sido agricultor aqui em Brekkukot, nos tempos em que esta fora uma quinta com prados próprios, a sul do lago, no sítio onde mais tarde foram escavadas turfeiras para fornecer a futura capital com combustível. Nesses tempos, eram governadores dinamarqueses que regiam a Islândia. Mas na altura em que a minha história começa, tinha sido nomeado um governador islandês; chamavam-lhe ministro do rei, porque ele estava sob a pata do rei dinamarquês, tal como o Althing¹. Quando o meu avô nasceu, viviam pouco mais de duas mil pessoas na capital; durante a minha infância eram cerca de cinco mil. Durante a meninice do meu avô, as únicas pessoas que contavam eram os

1 O parlamento islandês. A Islândia esteve sob o domínio dinamarquês de 1385 a 1944. (N. do E.)

escassos representantes do governo (que eram tratados de forma variada como «os fidalgos», ou, simplesmente, «as autoridades») e alguns comerciantes estrangeiros, principalmente judeus de Schleswig-Holstein, que falavam baixo-alemão e que se autodenominavam dinamarqueses; isto porque naqueles tempos os judeus não estavam autorizados a fazer negócios na Dinamarca propriamente dita, apenas nos ducados e colônias dinamarqueses². Os demais moradores da cidade eram camponeses que iam à pesca e que por vezes detinham uma pequena parte de uma vaca, ou algumas ovelhas. Tinham pequenos barcos a remos, nos quais içavam ocasionalmente uma vela.

Durante a mocidade do meu avô, toda a gente era auto-suficiente no que diz respeito ao peixe, excepto os fidalgos e os comerciantes, que comiam carne, pelo menos a sua grande maioria. Mas à medida que a comunidade cresceu e se desenvolveu, convertendo-se em algo parecido com uma cidade, com algumas divisões básicas no âmbito do trabalho, surgiram artesãos e estivadores, que não tinham oportunidade de ir para o mar por sua própria conta, e quando começou a circular dinheiro em pequenas quantidades, uma ou duas pessoas começaram a fazer da pesca para abastecer a despensa do vizinho um modo de vida.

Um dos que começou a ganhar a vida dessa maneira foi o meu avô. Não era um armador, no sentido de estar envolvido em grandes negócios, nem detinha uma quota de um barco em conjunto com outros. Não era daqueles que secava peixe em quantidade suficiente para o transaccionar com os comerciantes e acumular ouro e prata num baú e depois começar a comprar repentinamente campos ou lotes de terreno ou a adquirir quotas de barcos com

2 Até 1864, a Dinamarca possuía os ducados de Schleswig e de Holstein. (*N. do E.*)

convés, como estava então a ficar na moda. Nada disso. Quando o tempo estava bom, tinha o hábito de ir remar para o mar de manhã cedo, embarcando em Grófin ou Bótin, com um ou dois ajudantes a bordo, e lançava as redes algures, logo a seguir às ilhas, ou, no máximo, talvez avançassem com o barco até um pouco mais longe, até Svið. Quando regressava, a minha avó e eu costumávamos esperá-lo no local de embarque com uma garrafa de café embrulhada numa meia e uma fatia de pão de centeio envolta num lenço vermelho. Depois o avô partia com o pescado num carrinho de mão e vendia-o na cidade em troca de dinheiro vivo, fosse na rua, fosse de porta em porta. Durante o Inverno, ou no final do Verão, apanhava sobretudo bacalhaus e eglefins, e por vezes também solhas e halibutes; mais nenhum peixe contava. Se alguns dos peixes não fossem logo vendidos, o meu avô limpava-os em casa e pendurava-os em estacas no abrigo de pesca, para que secassem.

Nos últimos meses de Inverno, ele deixava de sair para ir à pesca, como se dizia na altura, e desviava a atenção para os peixes-lapa, que ia procurar entre as algas, quer em Skerjafjörður, quer mais longe, em Grandi. Eu não tenho a certeza se o contraste evidente entre o macho e a fêmea dos peixes-lapa é vulgarmente conhecido; o macho é um dos peixes mais maravilhosamente coloridos que se podem encontrar, e ainda por cima é muito saboroso, mas a fêmea é menos apreciada, destinando-se geralmente à salga. A sul, nos promontórios, diz-se que a Primavera chegou sempre que a temporada dos peixes-lapa se inicia e as velas cor de casca dos franceses reluzem em Faxaflói.

Nos finais de Março, o meu avô costumava descer todas as manhãs até à cidade com o carrinho de mão, quando as pessoas começavam a levantar-se, para vender peixe-lapa

fresco. Na Islândia, aqueles que saem para o mar para percorrer distâncias tão curtas não costumam ser reconhecidos de forma alguma como pescadores: e eu duvido que o meu avô tenha visto o mar aberto alguma vez na vida. Também não seria correcto afirmar que tinha um negócio de pesca, embora ele chapinhasse por entre as algas com um ou dois ajudantes, ou lançasse a rede à distância de uma pedra atirada desde terra firme. Noutros países, alguém que fosse remar para o mar de manhã cedo e trouxesse peixe até à nossa porta à hora do pequeno-almoço seria certamente considerado um pescador; de facto, o meu avô parecia-se um bocadinho com esses pescadores retratados em pinturas estrangeiras, excepto que nunca usava botas, e muito menos tamancas. Usava, isso sim, os mocassins artesanais tradicionais de couro curtido, conhecidos como «sapatos islandeses» ou «sapatilhas». Quando tinha de remar debaixo de chuva ou com o mar bravio, vestia umas calças e um camisolão de couro tratado com óleo de baleia. Mas quando percorria a cidade, envergava sempre umas sapatilhas verdes islandesas e umas meias de lã azuis com um remate branco na parte de cima, feitas pela minha avó; se estivesse a chover, enfiava as calças dentro das meias, e por mais lama e porcaria que houvesse nas ruas, nunca se via uma mancha nas meias ou nos sapatos do meu avô.

Deixou os bigodes crescer encaracolados em torno do queixo, como os pescadores holandeses ou dinamarqueses que se vêm nos retratos, e o cabelo caía-lhe em longas madeixas, cortadas abruptamente no final. Quando não envergava o chapéu oleado da pesca, usava um chapéu negro de abas largas, daqueles que na Alemanha são designados por chapéus de clérigo e na Dinamarca chapéus de artista, que tinha uma coroa vulgar, amarrotada, e um

forro de seda vermelha. Desde que me conheço, aquele chapéu nunca tinha sido novo, mas também não envelhecia, e as pregas permaneciam sempre iguais. Uma vez voou e, depois disso, ele convenceu a minha avó a coser-lhe duas fitas, que depois podia atar sob o queixo quando o tempo estava ventoso.

Os peixes-lapa ficavam pendurados no nosso abrigo de pesca, metade do qual era usado para armazenar o material, até ao final da Primavera, juntamente com bagres, halibutes e eglefins secos. Por vezes, o meu avô cozia fígado de peixe numa fogueira a sul do abrigo de pesca; e o cheiro rançoso dos peixes-lapa, junto com o odor do óleo de fígado e sedimentos, misturava-se com o aroma da erva a crescer, das tanásias e das angélicas e com o fumo de turfa que saía da chaminé da minha avó. Quando chegava a altura de as moscas varejeiras porem ovos, o peixe seco tinha de estar já completamente curado, porque era esse o momento de esvaziar o abrigo de pesca. Qualquer pedra da nossa pequena casa cintilava devido às escamas do peixe, e o mesmo se passava com as estacas do abrigo de pesca e com o monte de turfa a norte deste último. Quando chovia, o brilho das escamas também se tornava visível no meio da sujidade que se acumulava entre o abrigo e a casa. Tudo o que estivesse dentro do nosso lote de terreno encontrava-se besuntado com fígado e óleo, inclusivamente o torniquete que girava horizontalmente sobre um eixo e que fazia de cancela do quintal, nas traseiras da nossa casa. O pequeno armazém do avô situava-se no canto mais a sul, que era o que ficava mais distante da casa; também estava dividido em dois compartimentos, um dos quais apresentava um pavimento de tábua corrida, onde se arrumavam mantimentos de todos os géneros, porque era nosso hábito comprar tudo o que era necessário para a casa de seis em seis

meses. Éramos nós que salgávamos a carne dentro de um barril, para que durasse o ano inteiro. Na outra parte do abrigo viviam *Gráni* e *Skjalda*; por isso, o cheiro do óleo e o odor a fumo da nossa morada misturavam-se não só com o aroma da erva, mas também com o cheiro de um cavalo e de uma vaca.

E assim continuava a decorrer aquele dia em pleno Verão...

Então, enquanto estava sentado no quintal a brincar sozinho nesse dia de Verão, com a mosca varejeira a zumbir, as galinhas a cacarejar, a cabana das redes do meu avô entreaberta e com o sol a brilhar no céu com tanta intensidade quanto seria possível para um sol neste mundo mortal, vi um homem ultrapassar o adro da igreja, cambaleando sob um carregamento monstruoso que trazia às costas, uma saca enorme completamente atulhada. Avançou aos puxões com a saca e transpôs o torniquete que fazia de cancela, o qual tinha pouco mais de meio metro de largura, e por isso não restou qualquer dúvida de que vinha visitar-nos. Eu não me lembro bem se já o conhecia, mas a partir dessa altura passei a reconhecê-lo sempre. Era um daqueles trabalhadores ocasionais que dava uma ajuda de vez em quando; acompanhava por vezes o meu avô no barco ou ajudava-o a limpar o peixe. Tinha um pequeno poiso no bairro de Skugga, acho eu, e uma prole de filhos esfomeados, mas isso agora não é para aqui chamado. Acho que o nome dele era Jói de Steinbær. Só estou a contar o que lhe aconteceu em Brekkukot porque isso nunca mais me saiu da cabeça e porque a minha história, de alguma maneira, nunca estaria completa se não o mencionasse aqui. Mas antes de contar a história dele, quero sobretudo alertar as pessoas para que não pensem que estão prestes a ouvir algo de épico ou de espectacular.

O homem poisou a saca no pavimento diante da casa e sentou-se em cima dela, limpando o suor da testa com a manga. Dirigiu-se a mim, um mero miúdo na altura, e perguntou:

— O teu avô Björn, o patrão do barco, está em casa?

Quando o meu avô saiu da cabana das redes e se aproximou do pavimento, onde o sol faiscava sobre as escamas, o visitante levantou-se, caiu de joelhos ao lado do fardo, tirou o chapéu, começou a torcê-lo, baixou a cabeça e disse:

— Eu roubei-lhe esta turfa a noite passada, Björn, do monte que está além ao pé da parede do abrigo.

— Não me diga — proferiu o meu avô. — Isso é uma maldade que não se deve fazer. E só decorreu cerca de uma semana desde a última vez que lhe dei uma saca de turfa.

— Sim, e não preguei olho durante toda a noite por causa da minha consciência — declarou o ladrão. — Nem sequer tive vontade de beber o meu café esta manhã. Sei que nunca mais terei um dia de felicidade até que me perdoe.

— Pois bem — disse Björn de Brekkukot. — Mas ao menos podia tentar manter-se direito enquanto fala. E ponha lá o chapéu.

— Sinto-me como se nunca mais me pudesse pôr direito outra vez na minha vida — declarou o ladrão —, quanto mais pôr o chapéu.

O meu avô inspirou solenemente uma pitada de rapé e retorquiu:

— Sim, não era de esperar que se sentisse de ânimo leve depois de um feito destes. — E acrescentou: — Posso oferecer-lhe uma pitada de rapé?

— Obrigado pela oferta — respondeu o ladrão —, mas sinto que não a mereço, de todo.

— Você é que sabe — redarguiu o meu avô. — Mas perante um caso como este, tenho de reflectir uns instantes. Porque é que não entra e bebe uma chávena de café enquanto tratamos disto?

Deixaram os bens roubados no meio do pavimento e entraram. O sol brilhava na saca de turfa.

Foram para a sala de estar.

— Sente-se e alegre-se um pouco — disse o meu avô. O ladrão pôs o chapéu amarrotado debaixo da cadeira e sentou-se. — O tempo tem-se apresentado de facto maravilhoso. Acho que tem estado bom para a pesca todos os dias desde Abril.

— Sim — concordou o ladrão —, tem estado um tempo maravilhoso.

— Poucas vezes tenho visto eglefins na Primavera como os deste ano — proferiu o meu avô. — Rosados, e com um cheiro intenso.

— Sim, são eglefins realmente abençoados — disse o ladrão.

— Ou o crescimento dos campos! — exclamou o meu avô.

— Sim, pode dizer-se que sim, com certeza — concordou o ladrão. — Que grande crescimento!

A minha avó serviu-os. Continuaram a conversar acerca da estação, tanto no mar como em terra, enquanto sorviam o café. E quando acabaram o café, o ladrão levantou-se, agradeceu e apertou-lhe as mãos. Apanhou o chapéu do chão e ficou pronto para se retirar. O meu avô acompanhou-o até ao pavimento exterior, e o ladrão continuou a torcer o chapéu com ambas as mãos.

— Será que pode dizer-me, talvez, alguma coisa antes de eu partir, Björn? — inquiriu o ladrão.

— Não — respondeu o meu avô. — Fez uma coisa que Deus não pode perdoar.

O ladrão suspirou profundamente e disse em voz baixa:

— Pois bem, Björn, estou-lhe francamente grato pelo café; adeus, e que Deus esteja consigo, agora e sempre.

— Adeus — respondeu o meu avô.

Mas quando o visitante ia a passar com o chapéu pelo torniquete que fazia de cancela, o meu avô chamou-o e disse-lhe:

— Oh, porque é que não leva o raio da saca consigo e o que quer que lá esteja dentro, meu pobre amigo. Uma saca de turfa não significa nada para mim.

O ladrão deu meia-volta junto da cancela e veio apertar a mão do meu avô outra vez por gratidão, mas não conseguiu articular palavra. Virou a cabeça para o lado quando pôs o chapéu. Depois colocou novamente a saca de turfa ao ombro e passou com ela cuidadosamente através do torniquete, da mesma maneira como tinha chegado, com aquele belo tempo.

3

PEIXES ESPECIAIS

Acabei de descrever o meu avô como um homem de crenças ortodoxas, a quem nunca ocorreria pedir a Deus para Se moldar aos homens, em consonância com aquela passagem da Oração ao Senhor que diz: «Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido».

O meu avô disse simplesmente ao seu companheiro de Steinbær:

— Deus não pode perdoar-te, mas eu, Björn de Brekkukot, não quero saber disso para nada.

Por isso não consigo deixar de pensar que o meu avô tinha uma escala especial de padrões para encarar a maioria das coisas que podiam acontecer na vida de um pescador.

Para o corroborar, irei agora referir-me brevemente à questão dos peixes e de como encarávamos esse assunto em Brekkukot, ou, melhor dizendo, a lei moral referente aos peixes. Poderia dizer-se que as ideias do meu avô acerca da indústria pesqueira tinham apenas uma relevância limitada na sociedade que se encontrava em rápida evolução durante a minha mocidade, para além do torniquete que fazia de cancela nas traseiras em Brekkukot; mas, por outro lado, ainda não estávamos palpavelmente conscientes dessa sociedade que começava a fermentar em nosso redor. De qualquer modo, posso afiançar que fui educado para apreciar o dinheiro de uma forma completamente diferente da dos valores bancários normais.

Acho que o nosso próprio padrão se fundava na convicção que o meu avô tinha de que o dinheiro que as pessoas consideravam seu por direito teria sido acumulado ilegalmente ou falsificado sempre que excedesse o rendimento médio de um trabalhador; por isso, acreditava que todas as grandes riquezas eram inconsistentes com o senso comum. Eu lembro-me que ele dizia frequentemente que nunca aceitaria mais dinheiro do que aquele que tivesse merecido.

Mas o que é que um homem merece, perguntarão as pessoas. Quanto é que um homem merece ganhar? Quanto é que um pescador deveria aceitar? Apenas o diabo poderia dizê-lo. Presentemente, alguém que rejeitasse a avaliação dos bancos teria de resolver sozinho quebra-cabeças morais complicados, várias vezes por dia. Mas esses problemas nunca pareceram desconcertar o meu avô, nem causar-lhe

ansiedade. Dificuldades que aos olhos da maioria das pessoas teriam conduzido a complicações infundáveis eram despachadas pelo meu avô quase sem pensar, com a segurança fácil de um sonâmbulo que se encontra a meio do caminho ao longo da borda de um precipício com dezenas de metros de profundidade. Sim, estou tentado a dizer que agia com o mesmo desprezo pelas leis da natureza com que um fantasma passaria através de portas fechadas à chave.

Eu não era muito crescido quando pressenti que alguns dos pescadores estavam ressentidos com o meu avô, porque às vezes ele vendia peixe fresco para consumo caseiro mais barato do que os outros; diziam que era desleal competir contra homens sérios baixando os preços. Mas quanto é que vale um peixe-lapa? E qual é o valor de um quilo de eglefim? Ou de solha? Alguém poderia perfeitamente responder perguntando: «Quanto custam o sol, a lua e as estrelas?» Eu presumo que o meu avô responderia a isso para si próprio, de maneira subconsciente: o preço certo para um peixe-lapa, por exemplo, seria aquele que impedisse um pescador de acumular mais dinheiro do aquele de que necessitasse para viver.

De acordo com a lei económica da oferta e da procura, as pessoas tinham tendência para aumentar o preço do peixe quando a pescaria era fraca ou o tempo desfavorável. Todos, excepto Björn de Bekkukot. Se alguém aparecesse diante dele e lhe dissesse: «Compro-lhe tudo o que tem hoje no seu carrinho de mão pelo dobro ou mesmo pelo triplo do preço habitual», ele apenas olharia inexpressivamente para a pessoa que lhe havia feito essa oferta e continuaria a pesar um quilo após o outro na balança, ou a entregar um peixe-lapa atrás do outro, retirado do seu carro de mão, de acordo com o que cada pessoa necessitava para o seu lar e ao mesmo preço de sempre.

Mas depois vieram dias de pescarias abundantes, durante os quais o bom tempo prevaleceu, e passou a haver abundância de todos os gêneros de peixe, e de boa qualidade; esses dias tornaram-se cada vez mais frequentes à medida que o tempo foi passando, especialmente depois de os barcos com convés terem começado a apanhar peixe às pazadas para lá de Faxaflói, trazendo pescado às carradas, isto para não falar dos arrastões. Porém, quando os armazéns ficaram cheios e a maioria dos pescadores se sentiu compelida a baixar os preços nas ruas, nunca passou pela cabeça do meu avô baixar os preços dele; vendia o seu pescado ao mesmo preço de sempre, e, assim, o peixe do seu carrinho de mão tornou-se de longe o mais caro. Ao agir desta forma, o meu avô Björn de Brekkukot rejeitou todas as regras fundamentais da economia. O homem conservou no coração uma avaliação secreta do dinheiro que era só sua. Aquele padrão estaria certo ou errado? Será que o padrão do banco estava mais certo? Ou o padrão da loja de Gúðmúnsen? Era muito possível que o meu avô estivesse errado, mas não tão errado ao ponto de desencorajar a maioria dos clientes habituais do carrinho de mão a fazer negócio com ele, inclusive nesses dias em que o peixe dele era mais caro do que qualquer outro. Por toda a cidade, mesmo em sítios tão longínquos como Árnápóst, e até mesmo nos confins do bairro de Mosfell, era possível ouvir pessoas a assegurarem que o peixe de Björn de Brekkukot sabia melhor do que qualquer outro peixe; as pessoas acreditavam que quando Björn de Brekkukot andava no mar conseguia fregar, de alguma maneira misteriosa, peixe melhor do que o dos outros homens. E por esse motivo toda a gente queria comprar peixe a Björn de Brekkukot, mesmo nos dias em que o peixe dele era mais caro do que o de qualquer outro.

Qual é o valor da Bíblia?

Já disse algo acerca dos peixes, mas ainda não disse nada acerca da Bíblia. Não posso deixar passar este assunto sem me referir brevemente ao preço de uma Bíblia que havia na nossa casa.

O meu avô Björn de Brekkukot não era homem de livros. Eu nunca soube que tivesse lido algo mais do que o *Livro de Sermões* familiar do Bispo Jón Vídalín³, a não ser que se tenha em conta que por vezes passava os olhos pelos anúncios do *Ísafold*. Ele lia o Vídalín em voz alta todos os domingos, logo a seguir ao meio-dia. Costumava ler correctamente (embora algumas vezes se enganasse), mas nunca verdadeiramente bem, e punha sempre uma ênfase especial em duas coisas: o uso de um tom monocórdico de circunstância e nunca saltar as referências que indicavam o livro, o capítulo e o verso das escrituras, e que por vezes eram várias numa só frase. Mas nunca desenvolvia as abreviaturas quando as lia; em vez disso dizia, por exemplo: Mar, Rom, Cor e Hab. Também nunca dizia os ordinais dos números que acompanhavam essas referências e não ligava às vírgulas, nem a outros sinais de pontuação entre os números. Em vez de ler, por exemplo: «Primeiro dos Coríntios, décimo terceiro capítulo, quinto verso (escrito, I Cor; 13:5)», lia em vez disso: «Um Cor, cento e trinta e cinco». Mas nunca se desviava da maneira especial que as pessoas usavam antigamente na Islândia para pronunciar as palavras de Deus, um cântico monótono e solene

³ Jón Thorkelsson Vídalín (1666-1720), bispo que ficou célebre pela sua recolha de *Sermões* (Postilla), destinados a serem lidos em voz alta pelas famílias que não podiam por algum motivo deslocar-se à missa dominical. A sua popularidade foi enorme. (*N. do E.*)

proferido num tom elevado que descia de um quarto no final de cada frase. Prolixidade não faltava a esse estilo de leitura, embora este denunciasses certas afinidades com os murmúrios de alguns deficientes mentais. Já não nascem na Islândia artistas que conheçam bem esse cântico específico.

Confesso-me incapaz de dizer quais seriam os tipos de pensamentos que as referências no *Livro de Sermões* a velhos excêntricos dos confins do Mediterrâneo, ampliadas pela teologia rigidamente sistemática de camponeses alemães, que se encontram no Venerável Jón Vídalín, despertavam no meu avô Björn de Brekkukot. Muitas pessoas considerariam qualquer exercício espiritual que consistisse nessas leituras um formalismo vazio. Juro por tudo que nunca o ouvi fazer a mais pequena referência a algo contido nesses Sermões, nem nunca tive consciência de quaisquer outras actividades piedosas da sua parte, além dessas leituras aos domingos. Por outro lado, também não consegui encontrar ninguém que tivesse ouvido Björn de Brekkukot referir-se a alguma doutrina teológica, moral ou filosófica nos Sermões. Não faço a mínima ideia se o meu avô prestava atenção a tudo o que eles diziam ou se não prestava atenção a nada. Se ele acreditou naquilo tudo, foi à maneira daqueles teólogos que armazenavam a teologia num compartimento fechado do cérebro, ou então, talvez, como aqueles viajantes que transportavam uma garrafa de tintura de iodo na bagagem e tinham o cuidado de a manter hermeticamente fechada, para que não derramasse e estragasse os seus pertences. Para ser honesto, eu acho que para o meu avô Björn de Brekkukot não teria sido significativamente diferente ter vivido na Islândia em tempos pagãos ou o lar dele ter-se localizado em qualquer outra parte do mundo, onde as pessoas não tivessem lido o *Livro*

de *Sermões* de Vídalín e acreditassem em vez disso no boi Ápis, no deus Rá ou no Colibri.

Por tudo isto, torna-se óbvio que não éramos pessoas afeiçoadas aos livros. Qualquer leitura que acontecesse na nossa casa era protagonizada sobretudo por visitantes que traziam os livros consigo. Por vezes acontecia lerem histórias em voz alta para todos os presentes na casa, ou então tratavam de recitar alguns *rímur*⁴. Frequentemente, algum dos nossos visitantes, que passava uma noite na nossa casa, deixava ficar os livros, por vezes como forma de pagamento pelo alojamento, e foi provavelmente assim que a nossa biblioteca, embora pequena e fruto do acaso, se constituiu. Irei referir-me a isso mais tarde.

Embora tivessem aterrado vários livros na nossa casa, ninguém reparara que não tínhamos uma Bíblia, até o velho Thórður, o Baptista, ter começado a passar mais tempo connosco; e isso conduz-me finalmente ao assunto que estava mais em destaque na minha mente.

É do conhecimento geral, e portanto nem vale certamente a pena mencioná-lo, que, de acordo com uma antiga tabela de preços islandesa, o custo de uma Bíblia é equivalente ao de uma vaca, mais exactamente de uma vitela, ou então ao de seis ovelhas lãzudas. Esse preço está escrito na página do frontispício da edição da Bíblia que foi impressa num remoto vale montanhoso a norte da Islândia em 1584, e, como é sabido, os Islandeses nunca acreditaram noutra bíblia a não ser nessa; foi impressa com vinhetas elegantes e xilogravuras decorativas, pesa mais de dois quilos e tem a forma de uma embalagem de passas. É um volume que esteve sempre disponível nas melhores igrejas da Islândia.

⁴ As baladas medievais foram um dos grandes géneros poéticos islandeses e hoje ainda subsistem. (*N. do E.*)

Como acontecia amiúde no Verão, apareceu uma vez um visitante à porta de Brekkukot e disse que tinha acabado de chegar no navio a vapor. Dois ou três Verões mais tarde ficou connosco durante várias semanas seguidas. Ainda me lembro de como ele apareceu, vindo de trás do muro do adro da igreja, vestindo um casaco de clérigo (conforme eram conhecidos na Islândia os fraques ao estilo do Príncipe Alberto) e envergando um chapéu rígido denominado meia barrica, para se distinguir da barrica completa ou cartola. Usava um colarinho elástico abotoado na parte de trás do pescoço. Era assim o velho Thórður, ou Thórður, o Baptista, como se chamava a si próprio. Mas o que me fez ter a certeza de que era mais um ladrão de turfa em potência foi a estranha circunstância de este homem de fraque, que à distância parecia ser a todos os títulos um fidalgo, transportar um saco de juta às costas, repleto do que me pareciam ser turfás; mas, para abreviar uma longa história, não eram turfás o que ele carregava às costas, e sim Bíblias. E eram a única bagagem que trazia consigo. Não me pronunciarei sobre o facto inusitado de um cavaleiro de fraque, chegado do estrangeiro num navio a vapor, ter vindo parar precisamente à nossa pequena casa de colmo, na orla mais remota da civilização, onde os dentes-de-leão cresciam no telhado, em vez de se instalar no Hotel d'Islande, onde teria passado perfeitamente despercebido entre os administradores e os estrangeiros.

Thórður, o Baptista era um homem grande, de presença imponente, cujo rosto apresentava um queixo que parecia ter sido puxado de baixo para cima à força e um nariz romano excepcionalmente bem feito, que se curvava na direcção da fenda no queixo. A boca dele fechava-se tão hermeticamente quando não estava a falar que os lábios desapareciam algures dentro da boca e deixavam completamente

de se ver; mas no lábio superior, a parte mais fraca e insignificante de todo o seu ser, despontava um bigode curto e extremamente bem aparado. Cerrava constantemente os olhos de uma tal maneira que estes pareciam estar a filtrar a luz.

Nunca chegámos a saber verdadeiramente o que significava o título de Baptista do velho Thórður, nem nos interessava; na verdade, nunca o vimos baptizar sequer uma alma. Dizia-se que se tinha juntado a umas seitas religiosas da Escócia e do Canadá, às quais tinha jurado fidelidade, e que agora recebia deles o pão; mas não poderia ter sobrado muito desse pão, uma vez que ele escolhera repousar a cabeça num dos poucos albergues gratuitos que existiam no mundo, tanto no século presente como no anterior. Era provável que a tarefa dele fosse proclamar na sua terra natal a palavra desse Senhor que acredita em Baptistas. A mim nunca me passou pela cabeça duvidar que o velho Thórður falasse por inspiração divina, se é que isso passou pela cabeça de alguém; a sua exaltação a pregar era tanta que nunca se preocupava em verificar se haveria alguém por perto a ouvi-lo, embora eu pense que ele talvez preferisse que não estivesse ninguém nessas circunstâncias; de facto, era muito raro ele ter alguma audiência, a não ser que alguns rapazes se tivessem escondido nalgum barril próximo para descobrirem o que andaria um clérigo de tão grande gabarito a proclamar com tanto zelo para ninguém. Infelizmente, eu não tinha nem inteligência suficiente nem maturidade, e talvez também nem sequer curiosidade, para tentar penetrar no âmago da mensagem de Thórður, o Baptista, tal como nunca desejara aprofundar as leituras de sermões do meu avô. Constitui pura e simplesmente um facto que os Islandeses sempre foram notoriamente indolentes, e poderá muito bem

ter-se dado o caso de Thórður conhecer muito bem os seus compatriotas, sendo ele próprio, em simultâneo, um islandês de gema. Porque se acontecesse que um ou dois ociosos vagueassem na sua direcção enquanto estava sozinho numa praça deserta a pregar, ele virar-se-ia invariavelmente, mostrando as costas à honorífica assembleia. Era a maneira que ele considerava mais eficaz para converter os Islandeses. Eu lembro-me de passar uma vez por ele no porto, numa tarde em que se tinha levantado uma tempestade oriunda do norte, de chuva misturada com nevoeiro, enquanto ele pregava com grande força e convicção para uns carrinhos de mão virados ao contrário, estacionados perto uns dos outros; batia com os dois pés no chão para enfatizar as suas palavras e batia na Bíblia com força e frequentemente para reforçar os seus argumentos, e espuma voava-lhe dos lábios em todas as direcções. Pregava contra a prática indecente e desgraçada de baptizar as crianças.

— Não é possível encontrá-la escrita neste Livro Sagrado — exclamava, batendo no livro. — Nem sequer através de uma palavra, de uma letra, de um traço ou de um ponto se pode descobrir que esteja escrito no Livro Sagrado que se deveria baptizar crianças inocentes. Quem quiser manter a afirmação de que está escrito nalgum sítio da Sagrada Escritura que crianças inocentes têm de ser baptizadas, fá-lo-á assumindo as suas responsabilidades e deverá sofrer as respectivas consequências.

Quando o velho Thórður, o Baptista cumpriu o seu dever baptismal aqui na Islândia, passou a ser sua missão partir em seguida para a Noruega e pregar lá durante uns tempos. Considera-se uma prova conclusiva da grande diferença entre Noruegueses e Islandeses o facto de multidões de pessoas se terem apinhado em redor de Thórður, o evangelista para ouvir a sua mensagem mal ele pôs o pé

na terra em Bergen, de tal maneira que a polícia e até o exército tiveram de ser chamados diversas vezes para evitar que os velhos e os enfermos fossem esmagados pelos incontáveis pés ou para impedir grupos de partidários que eram a favor ou contra o mensageiro de perpetrarem desastrosos e de infligirem feridas mortais uns aos outros.

Para além do escasso rendimento que o velho Thórður poderia ter recebido de Escoceses e Canadianos para afastar os Islandeses e os Noruegueses da prática do baptismo das crianças, eu acho que o Baptista não tinha outros pertences além das Bíblias que carregava na mochila de país para país; pelo menos, ninguém sabia que ele tivesse outros valores na sua posse.

Despontava agora o dia em que o Baptista deveria deixar a Islândia e viajar para a Noruega para ir pregar fogo e enxofre sobre todos os que praticavam o baptismo infantil naquele país.

De todas as outras vezes que ficara em Brekkukot, durante um mês ou seis semanas, nas suas viagens de Verão, tinha tentado invariavelmente retribuir a hospitalidade com uma Bíblia, mas o meu avô Björn tinha-se sempre escusado a aceitar um presente como aquele, alegando que em Brekkukot não tinham o hábito de receber coisas preciosas de outras pessoas apenas porque estas ficavam alojadas nas suas casas. Por outro lado, em ocasiões anteriores, o meu avô não tinha recusado alguns panfletos cristãos insignificantes, oferecidos por Thórður, o Baptista como uma forma de expressar a sua gratidão. Mas agora Thórður estava cansado de dar presentes pequenos, e, no momento da partida, recusou-se a encerrar sequer a hipótese de deixar alguma coisa mais pequena do que uma Bíblia.

— Se não aceitar uma Bíblia minha este Outono, Björn — disse —, eu tirarei a conclusão de que já não se

considera meu amigo; e, além disso, nunca mais poderia deixar que se soubesse que tinha voltado a ficar na sua casa mais uma vez.

— Eu não sei até que ponto as suas Bíblias são genuínas, meu rapaz — declarou Björn de Brekkukot. — Mas no meu tempo não se conheciam Bíblias impressas com letras minúsculas em folhas de papel higiênico.

— A minha consciência cristã é a garantia de que esta Bíblia que trouxe comigo é boa e genuína, impressa com legitimidade e fielmente traduzida das línguas originais pela Sociedade Bíblica de Londres.

— De onde? — perguntou o meu avô.

— De Londres — respondeu o Baptista.

— O que é isso? — indagou o meu avô.

— É a capital do Império Britânico — retrucou o Baptista.

— Pois bem, até pode ser — afirmou o meu avô. — Eu não sei nada acerca disso. A Bíblia como deve ser, aqui da Islândia, foi traduzida e impressa pelo Reverendíssimo Guðbrandur em Hólar, no norte. Eu vi essa Bíblia com os meus próprios olhos aqui na catedral. Diz nela que custa uma vaca. Essa é a nossa Bíblia.

Thórður o Baptista replicou:

— Recuso retractar uma palavra que seja da minha alegação de que a Bíblia de Londres é uma Bíblia genuína, embora não custe mais do que setenta e cinco *aurar*⁵.

— Acha mesmo que o Reverendíssimo Guðbrandur estava a tentar roubar os Islandeses quando instituiu o preço da Bíblia no valor de uma vaca? — perguntou o meu avô. — Não, meu rapaz, a Bíblia que o Reverendíssimo Guðbrandur publicou tinha o preço apropriado. E se a

⁵ A coroa islandesa (*Krona*) divide-se em cem *aurar* (no singular: *eyrir*). (N. do E.)